



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ELANA GONÇALO DE ARAÚJO

DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA A SALA DE AULA: ASPECTOS DA
LEITURA LITERÁRIA NA GRADUAÇÃO EM LETRAS NA UFPB

João Pessoa
2020

ELANA GONÇALO DE ARAÚJO

DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA A SALA DE AULA: ASPECTOS DA
LEITURA LITERÁRIA NA GRADUAÇÃO EM LETRAS NA UFPB

Trabalho apresentado ao Curso de
Licenciatura Plena em Letras da
Universidade Federal da Paraíba
como requisito para obtenção do
grau de Licenciada em Letras
habilitação em Língua Portuguesa.
Orientadora: Prof^a. Dr^a Daniela
Maria Sagabinazi.
Coorientadora: Jhennefer Alves
Macedo.

João Pessoa
2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A663f Araujo, Elana Goncalo de.

Da formação do professor para a sala de aula: aspectos da leitura literária na graduação em Letras na UFPB / Elana Goncalo de Araujo. - João Pessoa, 2020.
44 f.

Orientação: Daniela Segabinazi.

Coorientação: Jhennefer Macedo.

TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Docência. 2. Ensino. 3. Leitura. 4. Literatura. 5. Leitor. I. Segabinazi, Daniela. II. Macedo, Jhennefer. III. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82:028

Autora: ARAÚJO, Elana Gonçalo de.

Título: DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA A SALA DE AULA: ASPECTOS DA LEITURA LITERÁRIA NA GRADUAÇÃO EM LETRAS NA UFPB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal Paraíba – UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

TCC defendido em: ____/____/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a.Daniela Maria Segabinazi (DLCV/UFPB)

(Orientadora)

Jhennefer Alves Macêdo (Membro externo)

(Coorientadora)

Prof^a. Dr^a. Fabiana Ferreira da Costa (DLCV/UFPB)

(Membro interno)

Prof^a. Me. Hildenia Onias de Sousa

(Membro externo)

Prof. Dr. Walison Paulino de Araújo Costa (DLEM/UFPB)

(Suplente)

João Pessoa

2020

RESUMO

O presente trabalho evidencia como é importante a formação do professor leitor no ensino superior para êxito na sua atuação no ensino básico e objetiva avaliar o ensino de literatura e o estímulo para a leitura literária no Curso de Letras da UFPB, o que é de vital importância para o processo de ensino-aprendizagem no ensino básico, principalmente, quando falamos do ensino de Português e de Literatura, que é o campo em que o egresso da Licenciatura em Letras provavelmente vai atuar. Desse modo, a leitura, que não é uma aprendizagem de resultado imediato, precisa ser exercitada em sala de aula por um profissional que seja leitor, e quando nos voltamos para a leitura literária precisamos de uma atenção maior, porque o docente, para motivar os alunos à leitura, precisa estar bem embasado no sentido teórico e metodológico. Por isso, traremos abordagens de alguns teóricos como Lajolo (2011), Cosson (2013), Ginsburg (2012), entre outros, que mostram, em suas pesquisas, a leitura da literatura como ação fundamental no Curso de Letras. Também apresentaremos os resultados de uma pesquisa feita com alunos da graduação para averiguar como está sendo o processo de formação leitora dos futuros professores. Por fim, mostraremos como ainda é necessário abranger metodologias voltadas ao ensino de literatura, para que o graduando exerça sua função docente de uma forma eficaz.

Palavras-chave: Docência; Ensino; Leitura; Literatura; Leitor.

RESUMEN

El presente trabajo evidencia lo importante que es la formación del profesor lector en la educación superior para el éxito de su desempeño en la educación básica y objetiva evaluar la enseñanza de la literatura y el estímulo para la lectura literaria en la carrera de Letras de la UFPB, lo que es de vital importancia para el proceso de enseñanza-aprendizaje en la educación básica, especialmente, cuando hablamos de la enseñanza del Portugués y de la Literatura, que es el campo en el cual el egresado de la Licenciatura en Letras va a actuar. De esta manera, la lectura, que no se trata de un aprendizaje de resultado inmediato, necesita ser ejercitada en el aula por un profesional que sea lector, y cuando nos volvemos hacia la lectura literaria necesitamos dedicar una mayor atención, pues el docente, para motivar a los alumnos a leer, necesita estar bien fundamentado en el ámbito teórico y metodológico. Por lo tanto, traeremos en este trabajo las perspectivas de algunos teóricos como Lajolo (2011), Cosson (2013), Ginsburg (2012), entre otros, que muestran, en sus investigaciones, la lectura de la literatura como acción fundamental en la Carrera de Letras. También presentaremos los resultados de una investigación realizada con estudiantes de grado para averiguar cómo está siendo el proceso de formación lectora de los futuros docentes. Finalmente, mostraremos cómo aún es necesario abarcar metodologías orientadas a la enseñanza de la literatura, para que el estudiante de grado pueda ejercer su función docente de una manera efectiva.

Palabras clave: Docencia; Enseñanza; Lectura; Literatura; Lector.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que é minha razão de existir, pelo privilégio da vida e pela oportunidade de estudar, com a certeza de que essa é a melhor oportunidade que alguém pode ter.

Agradeço aos meus pais, Eliete e Ednaldo, que sempre fizeram o possível para me proporcionar o melhor em todas as áreas da minha vida e nunca mediram esforços para que a educação fizesse parte dela.

Agradeço à minha família que sempre me apoiou e ajudou no que foi possível.

Agradeço à minha tia Edilene, por todo estímulo e suporte, por todas as caronas e toda disponibilidade que teve comigo.

Agradeço a todos os meus professores do ensino básico e principalmente à professora Adrielly, que foi minha professora de português no ensino médio, pelas maravilhosas aulas que me estimularam a cursar Letras.

Agradeço aos professores que me ensinaram na UFPB campus IV, os quais, mesmo que por um curto período de tempo, marcaram minha vida.

Agradeço também aos amigos que o campus IV me deu, espero que possamos continuar juntos, mesmo estando fisicamente distantes.

Agradeço aos amigos do Programa Linguístico-Cultural para Estudantes Internacionais (PLEI), pela amizade e por toda a disposição em me ajudar a realizar este trabalho: Rafaela, Lucas, Ana Clara, Rebecka, Anabelle, Taliana, Karol, Giselle e todos os outros que já estiveram no projeto e que de alguma forma me apoiaram. A vocês, meu muito obrigada e um abraço bem apertado.

Agradeço aos professores da graduação em Letras por todo o conhecimento compartilhado.

Agradeço aos amigos que o curso de Letras me proporcionou conhecer, em especial Chrystianni e Carolaine por toda a força e incentivo durante toda a graduação.

Agradeço aos professores Walison, Fabiana e Hildenia por aceitarem participar da minha banca.

Agradeço à Professora Dr. Daniela Maria Segabinazi e à Jhennefer Alves pela disposição em me orientar neste trabalho.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	9
2.	LEITURA, LITERATURA E FORMAÇÃO DO LEITOR	11
2.1.	Ler na escola: a literatura e as orientações curriculares	13
2.2.	Formar leitores para ler literatura dentro e fora da escola	18
3.	PROFESSOR LEITOR E FORMAÇÃO NO CURSO DE LETRAS	21
3.1.	A literatura no Curso de Letras	22
3.2.	O repertório de leitura	25
4.	O ENSINO DE LITERATURA PARA SALA DE AULA NO CURSO DE LETRAS	28
4.1.	Metodologia	28
4.2.	Resultados da pesquisa com os alunos de Letras	29
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	38
	APÊNDICE A	40
	APÊNDICE B	41

1.INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apresentar a importância de uma reflexão a respeito da formação do professor leitor, no ensino superior, para uma melhor eficácia no ensino de literatura. Logo, tentaremos analisar como está acontecendo o preparo, com os graduandos do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para a atuação na sala de aula do ensino básico. Para tanto, apontaremos o que teóricos entendem como essencial para a formação de um professor.

Com isso, faremos menção ao papel fundamental que tem a escola para a formação do sujeito leitor, e a relevância que a literatura tem para essa formação, levando em consideração a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), um dos principais documentos que direciona os currículos que são aplicados no ensino básico.

Para tanto, daremos ênfase à posição que ocupa o professor nesse processo de formação leitora de seus alunos, de tal forma, faz-se necessário que ele entenda a necessidade de ser um bom leitor, para ser um bom formador. Vale ressaltar a necessidade do aparato escolar ao fornecer o espaço e oferecer condições para as atividades de leitura serem desenvolvidas, principalmente quando falamos de leitura literária, que precisa de mais entrega por parte do leitor, pois se configura como uma leitura que adentra ao subjetivo e ao imaginário do sujeito. Assim, o professor destaca-se como ponto principal para conscientizar e estimular os alunos nesse processo.

Por isso, é necessário saber como esse professor é formado, porque, em determinados contextos, os alunos do ensino básico poderão ser o reflexo de como o professor lida com a leitura. O professor precisa estar preparado tanto em conteúdos e repertórios para uma mediação proveitosa, como em sua didática para a aplicação dos seus conhecimentos.

Assim, traremos teorias e pontos de vista de alguns pesquisadores que esclarecem e dão sugestões de como o espaço escolar pode promover a leitura literária e como o professor deve estar preparado para essa posição tão desafiadora que é a sala de aula.

O trabalho tem por objetivo identificar a situação prática referente à formação do professor leitor nos alunos do Curso de Letras e refletir sobre as necessidades que ainda precisam de atenção na graduação.

Desse modo, traremos uma pesquisa feita com graduandos do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba sobre como a universidade está capacitando seus alunos

para a atuação profissional. Salientando que a graduação em Letras é uma licenciatura, logo, seu propósito é formar professores para ensinar no ensino básico.

A preocupação maior deste trabalho é saber como o ensino superior está formando os futuros professores. Analisando de acordo com as respostas dos alunos, se a graduação segue o que diz o Projeto Pedagógico do Curso, já que esse documento traz em seus objetivos gerais que o Egresso em Letras deve ser um leitor crítico, com um repertório de leitura satisfatório para exercer seu papel profissional. Então, traremos uma breve análise sobre a situação do ensino e estímulos às práticas de leitura literária na graduação de Letras, tentando fazer um diálogo com as falas dos graduandos e os teóricos apresentados no trabalho.

Por fim, cabe especificar que este trabalho está dividido em capítulos. O primeiro, aborda a leitura e o papel da escola na formação do leitor literário; o segundo capítulo mostrará como é definido o atual contexto de ensino de literatura na graduação; e o terceiro e último capítulo trará o resultado da pesquisa realizada com alunos da graduação.

2. LEITURA, LITERATURA E FORMAÇÃO DO LEITOR

Neste capítulo, serão apresentados alguns conceitos sobre o que é leitura e uma breve exposição sobre a função da leitura literária, tanto na sala de aula como na vida do indivíduo fora da escola, trazendo uma reflexão sobre como esse direito humano merece mais atenção da sociedade.

Falar de leitura não é simplesmente falar do processo de decodificação das palavras que compõem um texto, já que a ação de juntar sílabas e formar palavras de uma forma automática não passa de um processo de tradução de signos. Falar de leitura é falar daquilo que faz com que o leitor e o texto se relacionem. A leitura requer envolvimento, estar presente no texto: “A leitura pressupõe a participação ativa do leitor na constituição dos sentidos linguísticos” (AGUIAR, 1998, p. 16). Sendo assim, a leitura e o leitor vivem uma relação que necessita de conhecimentos além dos linguísticos, isto é, de uma consciência de si próprio no mundo.

A palavra “Leitura”, como escreveu Brito (2015), equivale, em seu sentido básico, à decifração e à inteligência (entender e compreender movido pela sua própria experiência) de signos gráficos, ou seja, decifrar e entender. Esses dois sentidos estão totalmente conectados e interligados. A respeito disso, é importante lembrar que ler não é inato ao ser humano, a leitura precisa ser aprendida, primeiro com a alfabetização, que é o processo de decifração dos códigos, e depois com a compreensão da escrita, dentro de um contexto que propicie não apenas a aprendizagem do código linguístico, mas que propicie também o letramento do sujeito leitor, o que, nesse cenário, culmina na facilitação da emancipação desse sujeito, como ser leitor. Assim, vemos que o objetivo do código escrito é ser lido, mas o objetivo da leitura é desenvolver o senso crítico e a autonomia do sujeito leitor.

Pandini (2004, p. 5) também coloca a leitura como um desempenho que precisa de uma dedicação mais acentuada. Para a autora, “Ler e escrever são atividades muito mais complexas do que traçar ou decodificar um amontoado de símbolos convencionados pelo homem ao longo da história da humanidade.” Ainda de acordo com a autora, a leitura é como um processo de percepção, uma vez que “[...] ler é também compreender significados que vão muito além do mero traçado, expresso num livro-texto, ou em qualquer outra forma de informação visual.” (PANDINI, 2004, p. 5).

Para Koch (2008), a leitura também demanda dessas duas obrigações, a decifração e a inteligência. Quando a autora traz a concepção interacional (dialógica) da língua ela explica que:

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH, 2008, p.11).

Percebemos, então, que a leitura requer a participação de outros saberes, nesse sentido, a experiência pessoal de cada indivíduo também é considerada pela autora. Koch (2008) explicita que o resultado da leitura é determinado pelas experiências já adquiridas pelo leitor. Nas palavras da autora, “[...] é preciso também levar em conta os conhecimentos do leitor, condição fundamental para o estabelecimento da interação, com maior ou menor intensidade, durabilidade, qualidade” (KOCH, 2008 p. 19). Compreendemos que a leitura é uma ação muito individual, cada leitor tem sua experiência conforme a sua visão e conhecimento de mundo. Isto posto, evidencia-se que “[...] a prática de leitura constitui espaços singulares, que assumem tonalidades diferentes a cada nova leitura e, em cada nova circunstância, será sempre um sentido novo” (PANDINI, 2004, p. 7).

Compreender, interpretar, atribuir sentidos, sempre serão funções do leitor, é ele quem atribui sentido ao texto, “o significado da leitura vai depender sempre do sentido elaborado pelo leitor que lê, com todas as suas estratégias” (PANDINI 2004, p. 7). Nesse contexto, percebemos que o sentido não está somente no texto, ele é construído a partir da interação do que está no texto, com o sentido atribuído pelo leitor. Dessa maneira, verifica-se que “na realidade os leitores apropriam-se dos textos, lhes dão outro significado, mudam o sentido, interpretam à sua maneira”. (PETIT 2009, p. 26). Claro que não é qualquer interpretação, é necessário seguir uma coerência ao espaço que o texto dá, a interpretação precisa estar ancorada no texto. Assim, compreende-se que leitor é aquele que consegue viver uma experiência com a leitura e não aquele que lê muitos textos.

Manguel (2017) comenta que a leitura afeta nossos pensamentos, nossas capacidades reflexivas, nossos músculos intelectuais. Para o autor, “nossas funções de raciocínio requerem não apenas consciência de nós mesmos, mas também consciência de nossa passagem pelo mundo” (p. 63). Nesse universo, a leitura socializa o indivíduo no mundo e o humaniza, principalmente quando este indivíduo vive em uma cultura escrita, porque a leitura coloca o cidadão consciente de onde ele vive e o orienta a tomar decisões.

Observando o aspecto da lucidez dos sentidos, Souza (2015) fala dessa perspectiva de que ler faz o homem fazer parte do mundo de uma forma livre: “Ler é exercer o direito de liberdade, é viajar no tempo e no espaço é ultrapassar barreiras, até então

intransponíveis. Ler é existir e fazer existir.” (SOUZA, 2015, p. 56). Com a leitura, passa a existir a autonomia e a segurança de ser alguém que desempenha o papel de agente. Petit (2009, p. 27), quando cita o historiador francês Michel de Certeau, diz que ele “tinha uma fórmula bonita para evocar essa liberdade do leitor”. Escreveu: ‘Os leitores são viajantes; circulam em terras alheias; são nômades que caçam furtivamente em campos que não escrevem’.” Ler traz a liberdade, liberdade para tomar decisões, agir por conta própria, ter consciência dos seus próprios interesses.

Marcel Proust (apud PETIT, 2013, p. 46) traz a leitura como um instrumento necessário para o ser humano se encontrar. O autor diz que:

[...] Cada leitor é, quando lê, o próprio leitor de si mesmo. A obra de um escritor é apenas uma espécie de instrumento óptico que ele oferece ao leitor a fim de permitir-lhe discernir aquilo que, sem esse livro, talvez não tivesse visto em si mesmo.

Nisso, enfatizamos que a leitura é totalmente pessoal, uma ação íntima de cada um, e só é possível interagir com o texto conforme a experiência vivida por cada sujeito.

Não nos esqueçamos, o leitor não consome passivamente um texto, ele se apropria dele, o interpreta, deturpa seu sentido, desliza sua fantasia, seu desejo, suas angústias entre as linhas e as mescla com as do autor. É aí, em toda essa atividade fantasmática, nesse trabalho psíquico, que o leitor se constrói. (PETIT, 2013, p. 27).

O leitor e o texto conversam, apoiam-se ou se afrontam, mas o leitor nunca fica parado, inerte ao que está lendo, mesmo que esteja discordando do que está escrito, o leitor sempre participará do texto. Quando essa participação não acontece, não acontece uma leitura.

2.1 Ler na escola: a literatura e as orientações curriculares

Ao conceituarmos a leitura como elemento essencial para a formação do pensamento crítico, da noção de existência e da noção de liberdade, vemos também que a relação entre leitura e escola é complexa. A escola é exatamente o lugar onde a sociedade deposita a credibilidade em relação à formação do cidadão, consequentemente, esse lugar seria o ponto de partida para a formação do leitor. A Base Nacional Comum Curricular

(BNCC)¹ apresenta a leitura como direito, mas vale ressaltar que fica a cargo da escola colocar o aluno em contato com esse direito.

É função da escola propiciar ao aluno a participação na cultura escrita, é o que orienta a BNCC, mas a maneira como a leitura é trabalhada na sala de aula muitas vezes frustra os alunos. Petit (2013, p. 57) mostra, em sua pesquisa, que a escola, em muitos casos, não estimula o aluno a gostar de ler e que as relações entre leitura e escola são “muitas vezes vividas de maneira conflituosa pelos alunos”. Ela ressaltava que os alunos “queixavam-se das aulas em que dissecam os textos, das horríveis fichas de leituras, do jargão, dos programas arcaicos. E de tantas outras coisas...”. Nesse contexto, observa-se um real problema da didática escolar com a leitura, que, em muitos casos, limita-se a tarefas de decodificação de textos para a resolução de questionários.

Surge, então, os seguintes questionamentos: como formar um leitor? Como isso acontece? Cadermartori (2012) menciona que formar leitores é de vital importância na educação, incumbência dedicada à escola, mas para isso se desenvolver é necessário que iniciativas, incentivos e programas de leitura aconteçam. Estímulos que capacitam os alunos a se envolver com a leitura, e também é necessário a dedicação individual, pois a leitura, assim como qualquer outra atividade, precisa de dedicação e disciplina, foco e vontade, o que nem sempre é fácil. Petit (2009, p. 25) aponta que é trabalhoso iniciar uma vida de leitura. “No início, o aprendizado da leitura é, muitas vezes, um exercício que incute o medo, que submete o corpo e o espírito, que incita cada um a ficar em seu lugar, a não se mover.” (PETIT, 2009, p. 25). Complementando essa opinião, Azevedo (2004) diz que o “prazer da leitura é uma construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação”. Para se tornar um leitor, não é simplesmente fazer uma leitura do dia para a noite, é um processo que precisa além da dedicação, do empenho, da reflexão e da entrega.

Referente ao papel da escola na formação do leitor, Annie Rouxel (apud OLIVEIRA, 2013) identifica uma divisão entre leitores, um é o leitor que está em nós, e o outro é o leitor escolar. Para Rouxel (apud OLIVEIRA, 2013), a leitura na sala de aula, sendo aplicada como uma obrigação, causa feridas. Nesse sentido, para que a leitura seja prazerosa, ela precisa que uma pessoa experiente faça a mediação entre o texto e o leitor. A

¹ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de normatização curricular, que define o conjunto progressivo de aprendizagens essenciais que os alunos devem desenvolver ao longo de toda Educação Básica. Esse documento é dividido em Eixos de integração, na disciplina de Língua Portuguesa os eixos são: Oralidade, Análise Linguística/semiótica, Leitura e Produção de Textos.

autora explica que o professor precisa ser um sujeito leitor para formar alunos leitores. Aguiar (1988, p. 16) comenta que saber os códigos da gramática é insuficiente para a leitura; pois, para a autora, “[...] a tarefa de leitura consiste em escolher o significado mais apropriado para as palavras num conjunto limitado”. Nessa conjuntura, a escola deve promover essa experimentação de descoberta.

Na BNCC (2017), a leitura aparece em um contexto amplo, não se detendo apenas ao texto escrito, mas também ao texto visual, como imagens, filmes e músicas. O documento também descreve que “[...] o tratamento das práticas leitoras compreende dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e de reflexão [...]” (BRASIL, 2017, p. 72). Um desses tratamentos é “Refletir criticamente sobre a fidedignidade das informações, as temáticas, os fatos, os acontecimentos, as questões controversas presentes nos textos lidos, posicionando-se.” (BRASIL, 2017, p. 73). Analisando esse documento, vemos que ele mesmo estabelece uma conexão entre a leitura e o olhar crítico do adulto para exercer seu papel de cidadão, posicionando-se em diversas situações.

No Eixo Leitura da BNCC encontramos que a definição de leitura “compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos [...]” (BRASIL 2017, p. 71), ou seja, na própria Base, para trabalhar a leitura é necessário interação ativa do indivíduo, o sujeito leitor tem que estar inserido no texto.

A Base mostra algumas competências, como procedimentos a serem tomados para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, “Selecionar textos e livros para a leitura integral” (BRASIL, 2017, p.87). Depois dessa atitude, a competência seguinte é:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, 2017, p.87).

Dentro do cenário do Ensino Fundamental, a leitura literária aparece, e dentro dela devem ser trabalhadas, de acordo com o documento, ações que apresentem outras formas de manifestações; com recursos que também desenvolvam a imaginação, apresentando a literatura de uma forma progressiva, com práticas que encantem, motivando os alunos a entenderem e participarem do processo de fruição. Esse tipo de método proporciona ao aluno um olhar menos enfadonho e maçante sobre leitura literária. Porém a Base não ressalta estratégias nem metodologias para realizar tais práticas.

Com relação ao Ensino Médio, a BNCC destaca que os currículos da educação básica devem proporcionar ao aluno desenvolvimento cognitivo e pensamento crítico:

Para formar esses jovens como sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis, cabe às escolas de Ensino Médio proporcionar experiências e processos que lhes garantam as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento de novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentais. (BRASIL, 2017, p. 463).

A leitura literária, em muitos casos, não acontece na sala de aula, mesmo estando na Base um eixo dedicado à leitura, o que acontece, conforme Antunes (2003), é uma decodificação de resumos, ou utilização de textos literários para fins gramaticais, o que traz para o aluno uma total falta de motivação, como se a literatura fosse algo desvinculado da vida social.

O professor quando tem envolvimento profundo com a leitura literária, ele consegue envolver seus alunos nessa experiência. Quando não, fica muito difícil tentar transformar os alunos em leitores. Por isso, para a formação de aluno leitor, aquele que se deleita na leitura, que sente satisfação na leitura, é necessário que o professor seja leitor e saiba fazer essa transposição para a sala de aula.

Aguiar (1988, p. 17) sinaliza algumas medidas que são completamente necessárias para um bom resultado nas aulas de literatura, entre essas medidas, a autora ressalta a importância da formação do professor:

Para que a escola possa produzir um ensino eficaz da leitura literária, deve cumprir certos requisitos com: [...] professores leitores com boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem a literatura, e, sobretudo, uma interação democrática e simétrica entre alunado e professor.

Desse modo, assume-se que é preciso que o professor adquira para si a cultura da leitura literária. Para Rouxel (2012, p.18), “[...] a cultura literária que se deseja encorajar é esse espaço simbólico composto ao mesmo tempo de referências pessoais e de referências comuns reconfiguradas pela subjetividade do leitor”. Assim, teremos um cidadão capaz de agir na sociedade de forma mais esclarecedora, mais livre, pois, sem as amarras da manipulação do que os outros dizem, o indivíduo se torna verdadeiramente independente.

Nessas circunstâncias, observa-se que uma das dificuldades em formar leitores literários no ensino básico advém da forma como o ensino literário é direcionado durante a formação do professor. Lajolo (2011) discorre que o desencontro dos jovens com a

literatura é o mesmo desencontro que ocorre com os professores. Uma das principais dificuldades para trabalhar a leitura literária é o material didático e a capacitação do professor. Lajolo (2011) ainda diz que o texto literário trabalhado em sala de aula, na maioria dos casos, constitui-se em uma concepção de literatura muitas vezes deixada de lado em discussões pedagógicas, quase sempre afastando os problemas teóricos como irrelevantes diante da situação precária em que atua um professor de literatura numa classe de jovens. Em sua pesquisa com alguns professores do ensino médio, a autora percebeu que a maioria dos docentes que trabalham com a literatura, trabalham de uma forma programada:

O que há, então, para o professor, é um script de autoria alheia, para cuja composição ele não foi chamado: leitura jogralizada, testes de múltipla escolha, perguntas abertas ou semiabertas, reescritura de textos, resumos comentados são alguns dos números mais atuais do espetáculo que, ao longo do território nacional, mestres, menos ou mais treinados, estrelam para plateias às vezes desatentas, às vezes rebeldes, quase sempre desinteressadas, sobrando a seção de queixas e reclamações para congressos, seminários, cursos de atualização e congêneres, ou então pesquisas como a que aqui está sendo comentada. (LAJOLO, 2011, p.12).

Portanto, quando uma metodologia é totalmente programada por um roteiro, utilizando técnicas que tentam objetivar a leitura literária, tratando-a como um mero papel instrumental, é um caminho quase certo para o desinteresse dos alunos.

Seguindo a teoria de Colomer (2007, p. 31), a leitura literária é capaz de promover toda a bagagem para um indivíduo culto e atuante na sociedade. Para a autora, “[...] o objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a formação da pessoa”, ou seja, um cidadão atuante em sua cidadania é possível se desenvolver através da literatura. A autora continua dizendo que a formação de uma pessoa está ligada à sociabilidade que acontece “através da confrontação com textos que explicitam a forma em que gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem.” (COLOMER, 2007, p. 31).

A Base relata que a leitura literária é essencial para a formação de um indivíduo autônomo, que consegue opinar sobre os acontecimentos na sociedade e consegue ampliar a capacidade de enxergar o mundo e não simplesmente se conformar com o que está vivendo, trazendo a ideia de que a leitura contribui para o pensamento crítico.

Como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo,

ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando. (BRASIL, 2017, p. 499).

Vemos que a Base demonstra que é importante valorizar a arte, mostra que um dos propósitos de se trabalhar literatura no Ensino Médio é o de enriquecer o aluno culturalmente e ampliar sua visão de mundo. “Espera-se que os leitores/fruidores possam também reconhecer na arte formas de crítica cultural e política, uma vez que toda obra expressa, inevitavelmente, uma visão de mundo e uma forma de conhecimento[...]” (BRASIL, 2017, p. 523). O documento apresenta a leitura como um processo de atribuição de sentidos, logo, a literatura serve como um instrumento indispensável no processo de compreensão da época atual, pois permite que haja a reflexão acerca do passado.

Propor a leitura de obras significativas da literatura brasileira, contextualizando sua época, suas condições de produção, circulação e recepção, tanto no eixo diacrônico quanto sincrônico, ficando a critério local estabelecer ou não a abordagem do conjunto de movimentos estéticos, obras e autores, de forma linear, crescente ou decrescente, desde que a leitura efetiva de obras selecionadas não seja prejudicada. (BRASIL, 2017, p.524).

Contudo, as pesquisas feitas por Aguiar (1988) e por Lajolo (2011) mostram que mesmo tendo todas orientações do que se deve trabalhar, o professor ainda se encontra perdido: “Os professores, apesar de visar a formação do hábito da leitura e o desenvolvimento do espírito crítico, não oferecem atividades nem utilizam recursos que permitam a expansão dos conhecimentos.” (AGUIAR, 1988, p.33).

Com isso, cabe afirmar que, para uma mudança visível, “[...] é preciso, pois, que haja espaço para leitura nos cursos destinados a profissionais de leitura.” (LAJOLO, 2011, p. 77). Como já mencionado anteriormente, para o aluno tornar-se um leitor é preciso que o professor seja um leitor, nesse sentido, nas palavras de Ligia Cadermartori (2012), capacitar o aluno à leitura, desenvolvendo e aprimorando as competências linguísticas, é uma coisa, e transformar o aluno em leitor literário é outra. De acordo com a autora, “a formação de leitores literários extravasa o âmbito do trabalho de massa” (CADERMARTORI, 2012, p.91). Nesse cenário, compreende-se que a formação do leitor literário envolve particularidades de uma sintonia mais fina, além da disposição para aventuras subjetivas, que não existem em qualquer professor nem em qualquer aluno.

2.2 Formar leitores para ler literatura dentro e fora da escola

Para ser um leitor literário, além de conseguir compreender o texto na sua estrutura gramatical, o leitor avança nos níveis de compreensão, adentrando no que também está implícito no texto. É necessário estar aberto para aceitar se encontrar em determinados textos, e também sair da zona de conforto, sair daquilo que já está previsível, e se deparar com novas possibilidades. A partir do momento em que o leitor está completamente entregue à leitura literária, ele percebe que a literatura possui também essa finalidade, a de gerar um possível desconforto, o que, conseqüentemente, gera reflexão. Petit (2013, p. 37) aponta que “a leitura, e em particular a leitura de obras literárias, tem a ver com a experiência da falta e da perda. Quando a pessoa pretende negar a perda, evita a literatura. Ou procura dominá-la”. Portanto, o íntimo do leitor deve estar desimpedido, acessível para receber as reflexões, o consolo e até mesmo as inquietações que o texto tem para oferecer.

Na leitura literária abrimos mão da objetividade do texto e partimos para a nossa subjetividade, para o espaço íntimo do leitor. Rouxel (2012, p. 7) aponta que “O investimento subjetivo do leitor é uma necessidade funcional da leitura literária; é o leitor que completa o texto e lhe imprime sua forma singular.”.

Colomer (2007, p. 108) diz que “é necessário deixar de considerar o material de leitura como uma substância neutra denominada ‘textos’ para aceitar que o tipo de livros lidos determina o leitor que se forma”. Na visão da autora, a escola deveria dedicar mais tempo à leitura de obras integrais, a leitura completa envolveria mais o aluno do que trechos soltos. É necessário para o professor entender o sentido, o propósito maior que a literatura tem, qual a eficácia que sua aprendizagem trará para os alunos. Herkenhoff (2015, p. 51) diz que “No âmbito escolar, a literatura tem muito a contribuir. Por meio dela, o aluno entra em contato com a língua em seu grau máximo de significação, pois é na literatura que a língua alcança a sua plenitude”. A significação e a identificação com o texto transformam-se em um conteúdo fértil para a discussão em sala de aula.

A Literatura, o discurso poético e ficcional, quando respeitadas suas características, entre as quais, ressalto mais uma vez, inclui a possibilidade de poder abordar o contraditório, permite a identificação emocional entre a pessoa que lê e o texto e, assim, pode representar, dentro ou fora da escola, um precioso espaço para que certas especulações vitais – feitas pelo leitor, seja consigo mesmo, seja com outras pessoas – possam florescer. (AZEVEDO, 2004, p. 8-9).

A literatura é uma ferramenta que abre espaço para uma vida coexistente, simultânea à vida real. Além disso, ela abre para o leitor a oportunidade de viver experiências que na vida real não aconteceriam, da imaginação mais simples até a forma

mais complexa de imersão no não-real. A literatura é um dos recursos que possibilitam ao ser humano viver num mundo de motivações e desejos.

Quando se chega ao nível de ler um texto, e junto com essa leitura acontece uma interação entre o texto e o leitor, uma identificação pessoal, um envolvimento não obrigatório, começa então um processo de fruição da leitura e a partir daí é possível desenvolver um prazer na prática da leitura e com isso uma mudança cultural e pessoal no indivíduo e no espaço em que ele está inserido. Aguiar (1998) destaca que:

A riqueza polissêmica da literatura é um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre em outros textos. Daí provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e inteiramente a consciência do leitor; sem obrigá-lo a manter-se nas amarras do cotidiano. (AGUIAR, 1998, p.15).

Nesse mesmo contexto de ativar a consciência sobre o lugar do leitor no mundo, Todorov (apud Rouxel, 2012) nos fala que a leitura literária se relaciona com a existência humana. E na mesma ideia de que a literatura é uma necessidade humana, Herkenhoff (2015, p.52) afirma que “sua função é propiciar ao leitor, em meio a uma sociedade que se guia pelo pragmatismo, a gratuidade e o desapego da fruição estética, que tanto contribuem para o processo de humanização”. A autora traz também uma citação de Antonio Cândido dizendo que “negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade” (HERKENHOFF, 2015, p.50), ou seja, é a literatura que nos coloca em contato com aquilo que nos humaniza, se nós conseguimos viver no mundo e agir na vida social em convívio com outras pessoas, é graças também à literatura, porque “ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.” (TODOROV, 2020, p.24).

Para melhor apreensão sobre a relação do ensino de leitura literária no ensino básico, dedicaremos o próximo capítulo à formação do professor no curso de Letras e, assim, observamos como essa formação pode interferir na sua concepção de leitura literária e, consequentemente, na sua prática pedagógica.

3. PROFESSOR LEITOR E SUA FORMAÇÃO NO CURSO DE LETRAS

Dentro do âmbito do ensino básico, é necessário que aconteça uma mudança na formação do leitor, para sentirmos uma melhoria no processo de ensino-aprendizagem da leitura literária, assim, é preciso melhorar a formação do professor que vai atuar nesse contexto de ensino. Para que isso ocorra, o professor precisa ter uma base sólida para poder mediar e estimular os alunos a imergir em um processo de fruição dos textos no processo de leitura.

A graduação no curso de licenciatura em Letras tem a finalidade de formar professores de Língua Portuguesa e de Literatura com competência para exercer a docência no ensino básico, do 6º ano até o Ensino Médio. Com isso, o aluno, quando ingressa nessa graduação, imagina aprender como atuar em uma sala de aula, tanto no que diz respeito à didática, quanto no que diz respeito ao conteúdo a ser ministrado. Porém, nós, graduandos, quando tratamos com a leitura, e, principalmente, com a leitura de textos literários, sofremos alguns obstáculos, por exemplo: desenvolver reflexões, opinar sobre o texto lido, ter autonomia para interpretar os textos lidos. Sendo assim, a didática da aplicação da leitura literária é uma ação que merece ser repensada.

Cosson (2013 p. 16) afirma que “[...] as práticas interpretativas das teorias e críticas literárias são adotadas pelos professores formados em Letras sem que haja um investimento na transposição didática ou na construção de uma identidade própria para o ensino [...]”. Percebe-se, então, que é necessária uma readequação da metodologia para o ensino de literatura. Essa readequação traria um novo olhar do graduando em Letras para sua atuação no ensino básico.

A participação do professor de Língua Portuguesa na escola é vista como aquela que ensina a ler e a escrever. Mesmo outras disciplinas também envolvendo a leitura, fica a encargo do professor de Língua Portuguesa essa função. Cosson (2013, p.13) expõe que “O licenciado em letras é o professor que complementa a formação do leitor por meio da literatura juvenil, nas séries finais do Ensino Fundamental, e aprofunda essa formação, no Ensino Médio, com a leitura de obras da literatura brasileira [...]”.

Se formar em Letras é exatamente estar pronto para promover aos alunos do ensino básico ferramentas e habilidades para se tornarem leitores competentes, críticos, cidadãos, que, através da leitura, tenham consciência de seu papel na sociedade. Porém, não é isso que a realidade nos mostra. O professor Jaime Ginzburg (2012), em seu artigo “O ensino de literatura como fantasmagoria”, explica que o interesse dos graduandos do curso de

Letras, em muitos casos, é de simplesmente ser aprovado e, por essa razão, recorrem aos resumos, por sua vez, o professor, por falta de tempo, de estímulos, ou de vontade, também não cobra a leitura de obras, e com isso, trabalha apenas com capítulos isolados e resumos prontos.

Então, sabendo que a experiência da graduação se estende à sala de aula, o professor se tornará um reflexo daquilo que vivenciou em sua formação. Nesse sentido, o autor sinaliza que a limitação referente à leitura na escola está totalmente envolvida no contexto em que o professor é formado.

Os cursos de formação de professores para a educação básica, nesse sentido, deveriam ocupar-se da formação de leitores para possibilitar a democratização da leitura e assumir a defesa da distribuição mais igualitária e justa de bens simbólicos, entre eles, a leitura. (FEBA, ARIOSI, VALENTE, 2017, p.53).

Portanto, o Curso de Letras deve ressaltar e ter como propósito maior a formação do professor, porque o objetivo da licenciatura, como já foi dito, é formar professores. Todavia, como resultado desse descuido das aulas, os alunos da graduação acabam não conseguindo fazer essa transposição das leituras literárias e das teorias que foram estudadas na graduação e como devem ser inseridas em prática na sala de aula, “isto porque, de modo geral, os docentes da área de letras julgam que a formação pedagógica não é tarefa deles, deixando de lado a preocupação com “o quê” e “como” ensinar” (OLIVEIRA, 2008, p. 44). É inegável que aprender a incorporar o conteúdo para a construção da aprendizagem faz parte de qualquer formação que visa a trabalhar em sala de aula.

3.1 A literatura no Curso de Letras

Se a leitura já é algo que precisa de ajustes de uma forma geral, a leitura literária passa distante de ser realizada com êxito. Ginzburg (2012) fala que, em muitos casos, da escola para a graduação a diferença voltada ao ensino de literatura é pouca. Nas palavras do autor, “é coerente que dentro da faculdade continue um comportamento centrado na expectativa de avaliação e de inserção social.” (GINZBURG, 2012, p. 214). Ou seja, o objetivo de ter um diploma para fazer parte de um grupo um pouco mais privilegiado na sociedade é o que motiva algumas pessoas a fazer um curso superior. O autor também complementa explicando que, talvez, o grande problema seja o imediatismo e o compromisso somente com a aprovação, isso leva os alunos de graduação a não se

dedicarem à leitura. Ainda de acordo com o autor, “E se ficar caracterizado que a leitura de um livro não é imprescindível para a aprovação, ela pode ser deixada de lado de imediato. Nessa situação, a leitura se reduz a um papel instrumental” (GINZBURG, 2012, p. 214).

Quando nos voltamos para a leitura literária, percebemos que o espaço para o ensino de literatura ainda é muito voltado aos processos históricos e não traz para o aluno uma reflexão. Oliveira (2008) nos explica que esse tipo de ensino não reflexivo traz prejuízo para o ensino literário. De acordo com a autora,

É justamente esta ausência de reflexão sobre o que é educação literária e quais seus objetivos, que revela a ineficácia do ensino de Literatura Brasileira na graduação, considerando que o estudo enciclopédico e informativo apenas afasta o graduando do letramento literário. (OLIVEIRA, 2008, p.45).

Sentimos que a formação do graduando passa de uma forma muito superficial, o que é percebido pelo imediatismo e a falta de reflexão, o que gera consequências na formação. Leahy-Dios defende que:

[...] se usada de forma crítica, a abordagem historiográfica da literatura poderia se constituir em fonte significativa de informação e reflexão sobre o estabelecimento do caráter cultural da nação (cf. Said, 1993, p.12), fonte de indagação histórica a partir de um ponto de vista crítico sobre políticas públicas e sociais, relações econômicas, raciais e de gênero (masculino e feminino). No formato de informação quantitativa, entretanto, a história literária perde seu elemento dialógico e artístico de reflexão, expressão e comunicação relevantes. (LEAHY-DIOS, 2004, p. 4 apud OLIVEIRA, 2008, p.39).

Ao olhar o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Letras da UFPB, tanto o de 2006 quanto o de 2019, vemos que é dada uma grande importância para a leitura, de forma que o sujeito graduando do curso de Letras estará, de acordo com o PPC, totalmente imerso em leitura. Ademais, percebemos nos objetivos do PPC de 2006, os quais se repetem no de 2019, que o curso tenta desenvolver habilidades para que o aluno possa ser competente para “Ler, analisar e produzir textos em diferentes linguagens, em diferentes variedades da língua e em diferentes contextos” (PPC, 2019, p.12). Saber ler está totalmente atrelado ao curso de Letras.

Ainda sobre o documento de 2019, a forma de ser aplicada as disciplinas de literatura sofreu uma alteração, continua com os fundamentos teóricos, mas a ordem da historiografia literária foi deixada, e agora passou a ser dividida por temas. Os conteúdos específicos das disciplinas são: Literatura I - Viagem, natureza e novo mundo; Literatura II - Campo, sertão e cidade; Literatura III - Identidades e etnias; Literatura IV - Gêneros e

minorias; Literatura V - História e nacionalidade; Literatura VI - Política e movimentos sociais; Literatura VII - Memória e subjetividade e Literatura juvenil.

Provavelmente, foi uma tentativa de romper com as aulas voltadas aos processos históricos seguindo somente uma ordem cronológica. Nesse cenário, sobre o ensino de literatura durante o curso de licenciatura em Letras, Oliveira (2008) explicita que o mais importante é possibilitar ao aluno um pensamento crítico sobre o que está sendo apresentado e ainda conseguir desenvolver possíveis ligações entre obras de diferentes épocas. Nesse sentido, vemos que o novo PPC do curso de Letras da UFPB tenta contemplar essa relação entre a construção de um sentido crítico e a relação de obras de diferentes obras.

Ainda a respeito desse tema, Oliveira (2008) aconselha que:

Para os professores universitários, creio que, independente do caminho possível escolhido, o válido é romper com a visão canônica fechada, numa perspectiva evolutiva de literatura, propondo outro olhar para as obras propostas pelas histórias. Tal atitude não significa excluir as obras canônicas, sempre privilegiadas nos programas propostos dos cursos de Letras, mas tão somente rever o modo de abordagem, a perspectiva crítica, aliada à contraposição com outras obras que ficaram à margem deste cânone, possibilitando um diálogo entre as produções de diferentes (ou do mesmo) períodos. (OLIVEIRA, 2008, p. 42).

A autora fala que o modo de abordagem é o que importa na aula de literatura, porque, mesmo não sendo disciplinas que estejam em uma sequência histórica no ponto de vista cronológico, se elas forem abordadas somente pelo viés historiográfico com obras canônicas, a mudança não terá grandes efeitos.

Trabalhar a literatura somente com a linha do tempo, seguindo os fatos históricos acaba objetivando a literatura. É importante para um aluno de graduação ter conhecimentos dos acontecimentos históricos e movimentos estéticos, mas não pode se reduzir somente a isso, pois, assim, o futuro professor deixará de ser um agente oportunizador de novas dimensões críticas e reflexivas para uma melhoria na sociedade e se tornará somente um instrumento para o mercado de trabalho.

Um outro objetivo que está no PPC é o de “Desempenhar o papel de agente multiplicador, visando à formação de leitores críticos, intérpretes e produtores de textos de diferentes gêneros”. Nesta perspectiva, percebemos a inquestionável importância da leitura na formação do aluno no curso de Letras, pois como bem salienta Sales (2017):

É indiscutível, portanto, a importância da leitura na formação dos alunos de Letras, tendo em vista que se formar enquanto leitor no decorrer do curso e ampliar a visão crítica da leitura após o mesmo são condições sem as quais o

sujeito graduado em Letras não poderá atuar de modo a propiciar a formação de leitores competentes em sala de aula. (SALES, 2017, p.175).

Além de ser necessário desenvolver meios para que a aplicação da disciplina não seja meramente histórica, também é necessário ensinar ao aluno como ler uma obra literária. Oliveira (2013, p. 65) escreveu que é um prejuízo a falta de organização para se trabalhar com a linguagem literária. “A falta de tratamento apropriado ao texto literário dificulta o desenvolvimento do hábito de leitura e impede a formação de leitores que tenham prazer com a literatura” (OLIVEIRA, 2013, p.65). É necessário que se ofereça condições para o desenvolvimento de um leitor crítico. Por isso, o graduando precisa ponderar sobre a importância de ler e não parar somente na leitura, saber se incluir e ter suas próprias impressões do que foi lido.

3.2 O repertório de leitura

Um dos objetivos que está no documento supracitado é: “dominar um repertório representativo da literatura em Língua Portuguesa e ser capaz de estabelecer as relações de intertextualidade com a literatura universal” (PPC, 2019, p.12). Essa é uma outra questão a ser pensada com cuidado, porque o aluno, em sua maioria, não entra na universidade com uma grande bagagem de repertório de leitura, já que, devido ao desfalque de iniciativas por parte da escola e por consequências sociais também, a leitura acaba sendo muito reduzida. Porém, alguns docentes da graduação imaginam que, sim, o aluno que concluiu o ensino básico tem um repertório vasto, o que causa uma certa divergência. Então, as aulas de literatura não fluem como deveriam.

Diante deste conflito, que é derivado do fato de que o curso de Letras forma, basicamente, para o mercado de trabalho do magistério, o recém graduado se vê, na prática, sem condições de exercer seu papel de modo transformador e acaba por figurar como mero transmissor de saberes ideologicamente construídos pela classe dominante e a ele repassados na formação inicial. (OLIVEIRA, 2008, p. 45).

O aluno acaba reproduzindo a visão do professor sobre determinada obra, muitas vezes sem nem conhecer a obra. Para as aulas voltadas à literatura, é necessário que o professor entenda a turma e estude o tempo para trabalhar e analisar as obras, porque, além do tempo curto, o estímulo para a leitura, análise e envolvimento com a obra não acontece, como falou o professor Ginzburg:

Em cursos de Letras, professores de literatura chegam diante de seus alunos com a proposição da leitura de livros. A inércia vai estabelecer um princípio mínimo. Para a aprovação nas disciplinas, e a obtenção do diploma, o que é necessário, o que é imprescindível? Muitos alunos podem considerar essa inércia suficiente. (GINZBURG, 2012, p. 214).

Em muitos casos, o aluno conquista a nota suficiente para ser aprovado e não se importa sobre o que realmente aprendeu. Os professores, por sua vez, preocupam-se em aprovar ou não os alunos, e, com isso, o curso de Letras vai se tornando um círculo vicioso, em que o objetivo é só a aprovação. Como consequência dessa metodologia, o aluno encontra-se despreparado na condição de professor quando se depara com a sala de aula.

É muito importante que o professor da graduação entenda quem é seu aluno e saiba orientá-lo durante a disciplina, preparando-o para utilizar os conhecimentos sobre a literatura e a leitura literária em sala de aula. Nesse cenário, a forma de conduzir a disciplina, por parte dos docentes da graduação, é fundamental para a formação de metodologias e de práticas pedagógicas dos futuros professores do ensino básico.

É necessário conscientizar o aluno da graduação em Letras sobre a importância de conhecer de uma maneira satisfatória a história da Literatura Brasileira e universal, sabendo ler, opinar e discutir sobre diversos tipos de textos, de variadas épocas, não se prendendo a tradições, atrelando a isso práticas que visam mostrar as diversas metodologias que podem ser usadas com o público do ensino básico para fomentar a leitura literária, para que, assim, o discente entenda o significado de ser um professor que ensina leitura literária. Nesse universo, como bem ressalta Oliveira (2008, p.47):

É importante que o docente de Literatura Brasileira tenha uma visão do significado da educação literária na formação deste profissional, valorizando a leitura crítica e participativa, dando voz ao aluno para que este produza seu próprio discurso. A idéia é que os alunos saiam das universidades com condições de discutir literatura de modo mais renovado, sem a marca da tradição ideológica canônica. Afinal, a literatura é uma percepção da vida, lida com fatos da vida e, neste sentido, o leitor de literatura tende a compreender como esta funciona.

Transformar o aluno em um indivíduo autônomo, colocando sua própria voz na leitura das obras, esse seria um método para trabalhar o ensino de literatura, fazer com que o aluno se envolva não só com a obrigação de ser aprovado na disciplina. Levar o aluno a entender que leituras literárias, canônicas ou não, são necessárias para sua formação profissional como professor e isso também vai levar o aluno a se identificar com seu próprio caminho literário, a sua verdadeira afinidade em relação à leitura.

O docente, antes sendo um bom leitor crítico que deve ser, também deve ter a sensibilidade de transmitir para o aluno o conhecimento literário de uma forma que o aluno passe a fazer parte integrante da disciplina. “Daí a necessidade de um profissional que, consciente de seu papel histórico, compreenda as carências e limites de um público muitas vezes ainda incipiente na apropriação da cultura letrada.” (OLIVEIRA, 2008, p. 17).

O curso de licenciatura, como foi citado anteriormente, tem a função de formar professores, e, às vezes, os professores não se apresentam como formadores de professores, então, é colocado somente diante de teorias, que são muito importantes, mas também é preciso investir na forma com a teoria se coloca na prática, porque o efeito é um futuro professor de ensino básico sem segurança para ministrar aulas de literatura, que vai recorrer ao material predeterminado pela escola, e as aulas ficam voltadas à técnica, e a literatura acaba não construindo nenhum conceito ou significado na vida dos alunos.

Oliveira (2008, p. 25) explica que o graduando de Letras precisa entender o que está estudando e o que ele será aprendendo essas práticas: “[...] acredito que o problema não está em quando ensinar a Teoria da Literatura, mas em o quê ensinar e em como ensiná-la”. E a autora ainda traz uma sugestão para tentar formular uma didática que não prejudique os alunos que não têm um enriquecido repertório de leitura: “[...] tendo em vista o escasso repertório de leituras dos alunos, poderia se pensar num sistema por ano no qual haveria, de uma maneira complementar, um ensino mais teórico, mas não necessariamente abstrato, e também os estudos de texto.” (OLIVEIRA, 2008, p.25).

Ensinar leitura literária requer a disposição do docente para mediar o encontro do aluno com os textos, e, além disso, abrir o conhecimento dos graduandos para a importância dessa atividade para a formação do cidadão crítico e atuante na sociedade. Para isso, é necessário que o professor universitário tenha consciência desse papel, pois “[...] a mais importante dessas medidas e que perpassa todas as outras, inclusive o processo formativo, é ter uma resposta clara à pergunta: o que somos quando somos professores de literatura? (COSSON, 2013, p. 24)”. Portanto, o professor universitário precisa reconhecer sua posição de formador, trazendo para suas aulas métodos que possam desenvolver seu aluno para a sala de aula, consciente do que ele é, e do poder transformador que ele pode trazer para a sua atuação docente.

A partir desse breve relato de teorias sobre como funciona o ensino na graduação de Letras, dedicaremos o próximo capítulo para alguns comentários feitos pelos discentes sobre como funciona o ensino de leitura literária e como o aluno se sente em relação à preparação para sua futura atuação docente.

4. O ENSINO DE LITERATURA E A PREPARAÇÃO PARA A SALA DE AULA NO CURSO DE LETRAS

Neste capítulo, será apresentado o resultado de uma pesquisa feita com estudantes do curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba, com o propósito de colher informações referentes ao atual ensino de literatura na graduação e como acontece a preparação para a atuação do futuro egresso no ensino básico a partir do olhar dos graduandos.

4.1 Metodologia

A pesquisa teve como objetivo averiguar como a Licenciatura em Letras, na Universidade Federal da Paraíba é vista pelos seus próprios alunos. Os participantes da pesquisa foram alunos que estão entre o terceiro e o último período da graduação, que estudam no turno da manhã, e também alunos que estudam no turno da noite. O propósito foi entender como a graduação é vista em seus diferentes estágios, tanto inicial como final, como os alunos em seus variados contextos se sentem em relação ao curso escolhido. Participaram da pesquisa alunos tanto do gênero masculino como do feminino.

O foco principal da pesquisa foi saber como os graduandos avaliam o ensino de literatura e o estímulo para a leitura literária na graduação, e também como eles se sentem em relação à preparação para a atuação na sala de aula. Assim, sabendo que a sala de aula será seu ambiente de atuação profissional, é relevante entender como essa preparação acontece no ensino superior.

O questionário para a pesquisa é composto por três questões abertas para respostas subjetivas (Apêndice A). A escolha por respostas subjetivas aconteceu com a intenção de arrecadar diferentes respostas, com o propósito de o aluno responder da forma mais pessoal possível. Não houve nenhum critério para o tamanho das respostas, assim, os alunos que responderam ficaram totalmente à vontade para escrever sua opinião sem seguir nenhuma regra.

A coleta das informações foi realizada através de um questionário *on-line*, elaborado através da plataforma *Google Forms*. Deste modo, cada aluno que participou da pesquisa recebeu um *link*, enviado por *e-mail*, e pelo *link* o aluno tinha acesso às questões. A pesquisa aconteceu entre os dias 29 de setembro e 6 de outubro de 2020, e dez alunos responderam ao questionário. Os participantes que aceitaram voluntariamente responder o

questionário tiveram sua identidade mantida em total sigilo, não sendo revelado o nome de ninguém, inclusive, não foi pedido, no questionário, a identificação.

4.2 Resultados da pesquisa com os alunos de Letras

As práticas e as funções da leitura literária, além da didática de sua aplicação, que foram aprendidas na graduação, serão os pontos principais da atuação do egresso em Letras na sala de aula do ensino básico, por isso, é necessário que o discente de licenciatura aprenda a fazer a transposição do conteúdo aprendido para a aplicação em sala de aula. Como bem salientou Todorov (2020) a respeito da função do docente do ensino básico: “O professor do ensino médio fica encarregado de uma das mais árduas tarefas: interiorizar o que aprendeu na universidade [...]” (TODOROV, 2020, p.41).

Retomando ao Projeto Político Pedagógico (PPC) do curso de Letras, ele traz como uma das propostas pedagógicas do curso:

Repensar a prática docente, utilizando, de forma crítica, seus instrumentos de trabalho, novos métodos e tecnologias multiculturais, evitando a reprodução mecanicista de conteúdos e alterando significativamente a forma de enfoque dos componentes curriculares. (PPC, 2019, p.11).

O graduado em Letras, de acordo com o PPC (2019), deve estar apto para atuação pedagógica para assim poder trabalhar os conteúdos postos para o ensino básico, e entre os conteúdos está o ensino de literatura.

Como já foi falado anteriormente, a presença da leitura é de importância absoluta na formação de um estudante de Letras, sendo assim, a leitura literária também está em destaque, já que ela é um dos recursos que abre espaço e estimula o pensamento crítico do aluno. E como a graduação é em licenciatura, a preparação para a sala de aula também é de tamanha importância, uma vez que o indivíduo, quando graduado, atuará como professor de Língua Portuguesa e Literatura.

Na sequência, veremos o que dizem alguns graduandos de Letras sobre a influência da universidade na sua formação leitora, mais especificamente na formação de leitor literário, e como avaliam a forma que estão sendo preparados para sua atuação profissional.

A primeira pergunta foi feita com o objetivo de saber se os alunos estão conscientes a respeito do que é ter um repertório de leitura e de sua importância na formação de um professor que vai atuar no ensino básico. A pergunta foi: “Para você, o que significa ter um

repertório de leitura na formação de um professor?” O intuito dessa pergunta foi de saber, por parte dos graduandos, como anda a conscientização sobre o quanto é importante adquirir e ter um repertório de leitura na atuação profissional de professor.

A resposta do A01² foi: *“Para mim, ter um repertório de leitura na formação de um professor diz respeito à quantidade e à qualidade de textos disponibilizados durante a graduação sobre a temática da leitura”*. O entrevistado voluntário A01, que é um graduando do sétimo período, respondeu de uma forma sucinta e um tanto limitada quando mencionou “textos disponibilizados na graduação”, que, na verdade, o repertório amplia-se inclusive para textos lidos fora da graduação, e também não é necessário ser sobre a temática da leitura, o repertório pode ser sobre outras temáticas que enriqueçam e desenvolvam culturalmente o leitor.

O A05, aluno do quinto período, teve uma resposta bem completa e percebemos que esse graduando é consciente que, para o sucesso na sua atuação como professor, o repertório de leitura traz o diferencial. O A05 deu a seguinte resposta:

Significa o diferencial que um professor pode oferecer aos alunos que passarem pela vida dele. Um professor sem repertório literário, prejudica, diretamente, seu trabalho, pois esse fator implica na capacidade que ele tem em mostrar a aplicabilidade de todas as teorias literárias que o ensino básico propõe. É por esse fator que o professor em formação deve construir seu repertório de leitura, a fim de que ele consiga, inclusive, transmitir suas experiências literárias para a turma e consiga despertar a vontade da leitura nos seus alunos, bem como motivar esse processo.

E com um ponto de vista parecido com o A05, o entrevistado A06, que é graduando do sexto período, também trouxe para a sua resposta a consequência de um professor possuir um repertório de leitura na função de educador, e ainda colocou em pauta que o repertório de leitura é o que auxilia na compreensão das variadas teorias literárias. O graduando A06 respondeu que:

O repertório de leitura auxilia no meio acadêmico e consequentemente no pleno desenvolvimento da função de ser professor, além de auxiliá-lo no entendimento das diversas teorias existentes dentro do curso, principalmente quando se trata de uma licenciatura. É uma das influências mais positivas que um professor pode passar dentro da sala de aula, e, por isso, acredito na sua importância.

² Para preservar a identidade dos entrevistados, eles serão mencionados com essa sigla.

O entrevistado A09, que está no sétimo período, disse que: *“Ter um repertório de leitura é ter um vasto conhecimento de diferentes gêneros textuais/gêneros literários. Assim, podendo se adaptar a diferentes contextos de aula e alunos”*.

As maiores diferenças entre as respostas foram que o A01 vê o repertório de leitura como quantidade de leitura sobre determinado tema, o A05, o A06 e o A09 viram mais além e, ainda, apresentaram quais consequências existem quando o professor não possui um repertório de leitura. Mas, quando possui um repertório de leitura pessoal, ele marca a vida do aluno e consegue influenciá-lo a construir seu próprio repertório de leitura.

Ainda, sobre essa primeira questão, é notável afirmar como é de grande importância, para o estudante de Letras, a “visão plural de cultura”, assim como falou Oliveira (2008). Com isso, é possível explorar outros contextos do texto literário, e essa visão só é capaz de acontecer quando o repertório de leitura é preenchido por diversos tipos de leitura, pois o texto literário torna-se democrático e não apenas uma reprodução de uma fórmula pronta.

A segunda questão foi feita para tentar entender como os alunos veem a universidade no sentido de estímulo para a leitura literária, bem como a graduação influenciou e está influenciando tanto o gosto, como a competência na leitura literária. A pergunta foi a seguinte: *“A graduação em Letras estimulou você a ter interesse pela leitura literária? Justifique sua resposta”*. Nessa questão, tivemos respostas variadas.

Nesse sentido, vejamos o que o entrevistado A03, que está cursando o sexto período, respondeu: *“Na maior parte, não, ao contrário, desestimulou, pois está sempre presa ao cânone com interpretações limitantes. Em poucas disciplinas houve essa quebra, mas as que houve foram as que mais me senti estimulada a ler”*.

Com essa resposta, vemos a importância do que Oliveira (2008) defende a respeito da graduação desfazer-se da visão canônica fechada. Como já falamos no capítulo anterior, a autora ressalta como é notável repensar a didática e a abordagem da aplicação, abrindo sempre espaço para um diálogo com leituras contemporâneas e canônicas, como também um diálogo com o próprio leitor também.

É preciso entender que ler literatura é ver em uma leitura fictícia, escrita numa outra época, numa outra situação, aspectos que nós podemos ver na nossa sociedade hoje, porque a literatura é um reflexo social de uma época que, ao lermos, torna-se atemporal. Por isso, enriquece o aluno quando em uma aula ocorre um diálogo com obras de ordem cronológicas diferentes e mostra como a literatura é uma realidade atual presente na nossa vivência social.

Outro graduando do Curso de Letras, o A06, deu uma resposta semelhante a do aluno A03. A resposta foi a seguinte:

Algumas vezes, sim, seja pelo próprio conteúdo ou pelo incentivo de alguns professores. Sabemos que a carga de leitura no curso de Letras é enorme, e muitas vezes não damos conta de tudo. Porém, de uma forma ou de outra, essa influência acaba existindo, mesmo que ainda ache muito pouco.

Diante dessa resposta, vemos que o estímulo para a leitura literária também não é satisfatório para esse aluno. O aluno ainda diz que existe um certo estímulo, mas em um espaço muito pequeno. O fomento para a leitura literária ainda sofre algumas lacunas que precisam de alguns ajustes não só no professor universitário como em toda a estrutura educacional.

A resposta do A08 foi sucinta e não muito elaborada, mas o entrevistado revelou que teve um contato maior, não especificando como foi esse contato: “*Sim. Nas disciplinas de literatura, por necessidade ou indicação de amigos, acabei tendo um contato maior com diversas obras literárias.*”

Embora o aluno A08, que está em seu último período, tenha visto nas disciplinas de literatura uma aplicação de forma positiva em relação à pergunta, ele não explicou bem como funciona esse estímulo. Como falou Ginzburg (2012), mencionado no capítulo anterior, acontece nas aulas, às vezes, uma aplicação da literatura com o objetivo apenas instrumental e não de formação de leitor literário. Para um ensino de literatura eficaz, é necessário que se trabalhe com:

[...] elementos como a reflexão crítica, o debate de livros, a constante possibilidade de pensar em problemas complexos, e a discussão de perspectivas individuais e coletivas de entendimento desses problemas, é difícil imaginar as etapas necessárias para ultrapassar as limitações e as dificuldades atuais e chegar, tanto em escolas quanto em universidades, a um ensino qualificado, voltado para a transformação intelectual e as mudanças sociais. (GINZBURG, 2012 p. 219).

Em um cenário em que as aulas de literatura não promovem espaço e estratégias para a reflexão e diálogo com as obras lidas, não se limitando ao que já está estabelecido pelos críticos consagrados, fica difícil para se desenvolver na graduação um profissional habilitado para um papel de formador de leitores críticos.

Por outro lado, tivemos uma resposta estimulante, uma vez que o entrevistado A09 respondeu essa pergunta dizendo que: “*Sim. Não gostava muito de literatura, devido às aulas massantes na escola, mas ter contato com diferentes gêneros literários e com outros olhares, acabou criando um interesse em mim*”. Podemos perceber que a escola, às vezes,

deixa traumas na vida do aluno, e ele acaba não gostando de leitura literária pela influência do seu professor do ensino básico, que, provavelmente, não era um leitor literário, conseqüentemente, não tinha como passar para seus alunos nenhum interesse pela literatura.

Tanto na resposta do aluno A09, quanto na resposta do aluno A08, vemos que na universidade é possível modificar aquele estereótipo que é criado muitas vezes na escola, o de que a leitura literária não traz nenhum conhecimento e com isso o aluno chega na universidade sem nenhum incentivo para realizá-la. Mesmo os discentes não especificando bem como foi a que a graduação estimulou o interesse e a prática da leitura literária, constatamos que, dependendo da forma como o professor universitário desenvolve sua aula, é possível transmitir para o aluno o interesse e transformá-lo em um leitor literário.

A terceira questão teve o foco principal em saber como os graduandos sentem-se no contexto de preparação para a sala de aula, pois como já foi falado, é de grande importância para o desempenho profissional do futuro egresso em Letras. A pergunta era a seguinte: “A graduação em Letras habilita ou está habilitando você a trabalhar a leitura (incluindo a literária) na sala de aula no ensino básico? Explique”. O aluno A01 deu a seguinte resposta:

Posso dizer que a graduação me propiciou os primeiros passos sobre o trabalho com a leitura, mas com respeito à leitura literária, não me sinto totalmente habilitada para trabalhar com ela, sem dúvida, quando a faço, necessitarei revisar textos teóricos e realizar pesquisas antes de pôr em prática qualquer ideia.

O graduando respondeu que não se sente seguro em relação à sala de aula, e ainda deu um enfoque que terá que revisar seus materiais para colocar sua atuação profissional em prática. Essa resposta ficou muito próxima da resposta do aluno A04, que foi: *Não, até o momento. A leitura literária tem sido trabalhada no viés de pesquisadores da literatura, fazem pouca (ou nenhuma) associação com metodologias de ensino de leitura literária na educação básica.*

Sobre isso, Cosson (2013) fala que não é novidade o ensino superior não dar muita atenção para a didática de aplicação da literatura no ensino básico. Em suas palavras, o autor diz: “Raramente, entretanto, há uma preocupação com a questão educacional. O fato de que a esmagadora maioria de seus alunos será professora de literatura do ensino básico parece lhe ser indiferente.” (COSSON, 2013, p.18). No depoimento dos alunos A01 e A04 vemos que essa realidade está ainda muito presente e os próprios alunos sentem que essa ainda é uma área escassa e que precisa ser desenvolvida.

Outro aluno, o A06, respondeu a terceira questão seguindo um ponto de vista parecido com os anteriores. A resposta o A06 foi:

Não tanto quanto eu gostaria. Poucas disciplinas cumprem, na prática, uma leitura literária. Muitas vezes fica apenas no plano de ensino. O maior contato estabelecido com a leitura literária foi, por exemplo, durante a disciplina de Literatura Infanto-Juvenil. Outras vezes éramos obrigados a ler algo por motivos de estarmos sendo testados, e não como um aprendizado para trabalhar na sala de aula posteriormente

Nessa resposta do aluno A06 vemos novamente a leitura sendo aplicada como forma instrumental para uma avaliação, isso quando a leitura literária é aplicada na sala de aula. E, mais uma vez, a metodologia para uma transposição didática para a prática docente no ensino básico não acontece. Oliveira (2008) compartilha dessa visão dizendo que: “O que se pode dizer é que, na falta deste tipo de formação, o professor de literatura acaba por repetir fórmulas prontas adquiridas durante o percurso da educação básica e sacralizadas na graduação.” (OLIVEIRA, 2008, p.45). Percebemos na resposta do graduando que ele esperava mais da graduação como forma de aprendizado para a sala de aula, e ele ainda dá uma ênfase que a disciplina que ele mais teve contato com a leitura literária foi a de Literatura infantojuvenil. O aluno não mencionou as outras disciplinas de literatura que ele cursou na graduação, o que nos permite deduzir que, provavelmente, elas não estimularam a leitura literária.

Outro indivíduo, aluno do Curso de Letras, respondeu essa terceira questão apontando um outro enfoque que está presente na graduação. O aluno A05 em sua resposta ressalta um outro aspecto sobre a preparação para a sala de aula. Sua resposta foi:

Está, mas mais por conta de projetos e ações de extensão que eu escolho participar, do que pelas disciplinas obrigatórias propriamente ditas. Dentro de sala de aula, vemos o básico, como em uma disciplina de estágio, ou uma disciplina de Pesquisa Aplicada. No entanto, essa temática deveria ser bem mais estudada e apresentada, porque diz respeito a nossa atuação enquanto futuros profissionais, que irão influenciar diretamente a vida dos nossos alunos.

Nessa resposta do aluno A05 vemos um outro ponto muito importante na vida acadêmica universitária, os projetos de extensão, os quais proporcionam aos alunos experiências reais de como funciona a vida docente. Às vezes, os projetos de extensão são deixados de lado e são pouco comentados, mas eles elevam a experiência do aluno que ainda está em formação.

O aluno que tem a oportunidade de participar de uma vivência em sala de aula, por meio de projetos ou ações de extensão, provavelmente, tem uma outra capacitação. Como

vimos nos depoimentos anteriores, a teoria na sala de aula, que ainda é bem pequena, não é suficiente para capacitar uma formação profissional. Então, quando o graduando atua em projeto que mostra como funciona seu ambiente de desempenho profissional, a capacitação desse aluno torna-se bem mais relevante e conseqüentemente o graduando torna-se mais seguro na sua ação docente.

A resposta do A05 tem semelhanças com as outras que foram mostradas, haja vista a revelação de que as teorias são aplicadas, mas, no geral, tudo fica muito superficial quando se trata de preparar o aluno de Letras para a sala de aula. Sendo assim, vemos que a proposta pedagógica do PPC de Letras, a qual visa capacitar o aluno para não trabalhar de uma forma mecanicista, atuando na docência de uma forma crítica, não é totalmente aplicada na graduação. Constatamos que ainda existem algumas lacunas que precisam ser observadas com cuidado, principalmente quando se trata de práticas de ensino.

Voltamos então a compartilhar o que disse Cosson (2013) a respeito do curso de licenciatura muitas vezes não se preocupar com o ensino de metodologias para o ensino básico, uma vez que o foco principal acaba sendo o ensino de teorias literárias já estabelecidas e o ensino para uma prática docente não é posto em prática no ensino superior. Conseqüentemente, o graduando sai da universidade sem condições de desempenhar seu papel de um modo transformador para a sociedade.

De modo geral, podemos afirmar que os sujeitos entrevistados no Curso de Letras da UFPB sabem como a leitura é importante e o quanto ela traz um diferencial na profissão. Também, estão conscientes da importância da leitura literária. Ainda que, em alguns casos, não tenha tanto estímulo, por parte da graduação, sentimos uma pequena variação relacionado a como os alunos veem as aulas de literatura.

No que diz respeito à sala de aula, percebemos a consciência dos graduandos sobre como é importante para quem estuda um curso de licenciatura ter um suporte relacionado à docência, mesmo que este também não esteja tão disponível para os alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visualizamos, neste trabalho, algumas reflexões acerca do que o ensino de literatura pode proporcionar para a educação e conseqüentemente para a sociedade. Neste universo, percebemos que a leitura literária é um dos elementos que podem auxiliar a formação de um cidadão autônomo e de atitudes democráticas, capaz de reconhecer e refletir sobre a constituição cultural da sua sociedade.

Também, podemos destacar que a escola tem um papel fundamental para o desenvolvimento desse cidadão. É a escola que vai auxiliar o sujeito a se formar como um indivíduo responsável por suas ações, então, a leitura deve fazer parte da vida escolar de todos. Logo, o professor do ensino básico deve estar preparado para essa atuação transformadora.

Então, é necessário que seja feita uma reflexão a respeito de como esse professor é formado, porque a escola é o lugar onde a atuação acontece, mas o preparo é no ensino universitário. Nesse sentido, os resultados da formação docente refletem direta ou indiretamente na prática pedagógica do professor atuante no ensino básico. Assim, é na educação básica onde vemos as conseqüências positivas e/ou negativas da formação docente no ensino superior.

Os dados apresentados neste trabalho indicam que ainda são necessários alguns ajustes no Curso de Letras no âmbito de incentivo à leitura literária, já que, em muitos casos, ela ainda é vista como algo cansativo, maçante e limitada. Contudo vemos alguns elogios às disciplinas de literatura e também presenciamos depoimentos de alunos que criaram um hábito de leitura a partir de incentivos de professores da graduação; revelando uma atribuição positiva às aulas de literatura, e demonstrando que o Curso também apresenta aprendizagens marcantes para seus graduandos.

Referente ao preparo para a atuação profissional, o curso ainda precisa ter um enfoque maior na sala de aula, pois os aspectos relacionados às metodologias do ensino de literatura para o ensino básico ainda não são considerados pelos futuros professores como suficientes para nortear o desenvolvimento de um trabalho pedagógico a partir de uma perspectiva da leitura literária. Todavia, vimos que existem ações de extensão que trazem para o discente uma experiência enriquecedora para sua formação docente. Nesse cenário, o engajamento do corpo docente acadêmico nessas ações de extensão, mostra-se como uma forma possível de ofertar aos graduandos oportunidades de contato real com a prática pedagógica fora do âmbito das disciplinas de Estágio Supervisionado em Literatura.

Nesse sentido, confirmamos aqui a importância do professor de licenciatura consciente de que está formando professores, sabendo que o futuro profissional do aluno é exatamente a docência, logo, a atenção para esse aspecto deve ser considerada pelos professores de ensino superior como fundamental. Dentro desse âmbito, é necessário abranger a presença da literatura no ensino superior a contar com uma perspectiva didática, visando ao real desenvolvimento de uma atuação docente reflexiva, para que com isso a literatura possa ter o seu espaço correspondente na formação dos alunos no ensino básico, especialmente no que diz respeito ao ensino da Língua Portuguesa no ensino básico.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português** - encontro e interação. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores** In: SOUZA, Renata Junqueira de. (org.) Caminhos para a formação do leitor. São Paulo: DCL, 2004.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. **Projeto político pedagógico do curso de Letras (PPPCL)**. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ccl/contents/documentos/ppc_letras-portugues-2019.pdf Acesso em: 03 out 2020.

BRITO, Luiz Percival Leme. **No lugar da leitura - biblioteca e formação**. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2015.

CADERMARTORI, Lúgia. **O professor e a literatura**: para pequenos, médios e grandes. 2 ed, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. *A formação do professor de literatura - uma reflexão interessada*. In: PINHEIRO, Alexandra santos, RAMOS, Flávia Brocchetto ORG. **Literatura e formação continuada de professores**: desafios da prática educativa. Dourados: Editora da Universidade Federal de Dourados, 2013.

FEBA, Berta Lúcia Tagliari. ARIOSI, Cinthia Magda Fernandes. VALENTE, Marluce Siva. *A biblioteca como espaço de mediação de leitura*. In: FEBA, Berta Lúcia Tagliari, SOUZA, Renata Junqueira.ORG. **Mediação de leitura**: espaços e perspectivas na formação docente. Tubarão: Copiart, 2017.

GINZBURG, Jaime. **A literatura como fantasmagoria**. São Paulo: Revista da Anpoll v. 1, n. 33, 2012.

HERKENHOFF, Joana d'arc Batista. Por que é importante ler literatura? In: Caser, Souza. **Porque é importante ler literatura?** Vitória: EDUFES, 2015.

KOCH Ingedore Villaça e ELIAS Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2 ed, São Paulo: Contexto, 2008.

LAJOLO, Mariza. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2011.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

_____. **O leitor como metáfora: o viajante, a torre a traça**. São Paulo: Sesc, 2017.

OLIVEIRA, Gabriela Rodella de. **O professor de português e a literatura**- relações entre formação, hábitos de leitura e práticas de ensino. São Paulo: Alameda. 2013.

OLIVEIRA Vanderleia. **Educação literária em foco**. Cornélio Procopio: Universidade Estadual do Norte do Paraná, 2008.

PANDINI, Carmen Maria Cipriani. **Ler é antes de tudo compreender... uma síntese de percepção e criação**. Florianópolis: Revista linhas, v. 5, n. 1, mar. 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1242/1054>. Acesso em: 31 maio 2020.

PETIT, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROUXEL, Annie. **Mutações epistemológicas e o ensino de literatura**: o advento do sujeito leitor. Revista criação & Crítica, n: 9, nov, 2012.

_____. **Práticas de leitura: Quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?** São Paulo: Caderno de Pesquisa, v. 42, n. 145. jan./abr. 2012b.

SOUZA, Júlio César Carlos. *A importância da leitura*. In: **Por que é importante ler literatura?**. Vitória: EDUFES, 2015.

SALES Laurênia Souto, SOUSA, Maria Ester Vieira de. *No discurso de alunos concluintes de letras: ditos e não-ditos sobre leitura*. In: **Leitores, suportes, espaços e práticas de leitura da cultura escrita**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

TODOROV Tzvetan. **A literatura em perigo**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2020.

APÊNDICE A

Pesquisa aplicada aos alunos do Curso de Letras

Este questionário é parte de uma pesquisa que está sendo desenvolvida por Elana Gonçalo de Araújo, graduanda do Curso de Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Daniela Maria Segabinazi. A pesquisa visa diagnosticar como está a formação do professor leitor no Curso de Letras, com foco especial em literatura.

Prezado(a), sua participação neste questionário é essencial para a coleta das informações necessárias ao desenvolvimento da pesquisa.

- 1- Para você, o que significa ter um repertório de leitura na formação de um professor?
- 2- A graduação em Letras estimulou você a ter interesse pela leitura literária? Justifique sua resposta.
- 3- A graduação em Letras habilitou ou está habilitando você a trabalhar a leitura (incluindo a literária) na sala de aula no ensino básico? Explique.

APÊNDICE B

Respostas obtidas na pesquisa com os alunos do Curso de Letras

Para você, o que significa ter um repertório de leitura na formação de um professor?

A01- Para mim, ter um repertório de leitura na formação de um professor diz respeito à quantidade e à qualidade dos textos disponibilizados durante a graduação sobre a temática da leitura.

A02- Possuir leituras extracurriculares, além das leituras obrigatórias

A03- Não ter apenas a leitura teórica e canônica, mas também leituras inovadoras e contemporâneas que se enquadrem nos mais diversos contextos que os alunos podem vivenciar. Leituras que quebrem o tradicional e transformem o docente em um educador mais humanizado que traga práticas que instiguem reflexões, sensibilidade e críticas

A04- É essencial para aprimorar a atuação do professor, visto que é preciso estabelecer conexões e ter base teórica para adaptar e apresentar o conteúdo aos alunos de forma didática e acessível aos diferentes níveis.

A05- Significa o diferencial que um professor pode oferecer aos alunos que passarem pela vida dele. Um professor sem repertório literário, prejudica, diretamente, seu trabalho, pois esse fator implica na capacidade que ele tem em mostrar a aplicabilidade de todas as teorias literárias que o ensino básico propõe. É por esse fator que o professor em formação deve construir seu repertório de leitura, a fim de que ele consiga, inclusive, transmitir suas experiências literárias para a turma e consiga despertar a vontade da leitura nos seus alunos, bem como motivar esse processo.

A06- O repertório de leitura auxilia no meio acadêmico e consequentemente no pleno desenvolvimento da função de ser professor, além de auxiliá-lo no entendimento das diversas teorias existentes dentro do curso, principalmente quando se trata de uma licenciatura. É uma das influências mais positivas que um professor pode passar dentro da sala de aula, e, por isso, acredito na sua importância.

A07- Significa um maior preparo do professor para realizar uma leitura crítica do mundo.

A08- É ter experiência literária que perpassa desde as obras clássicas às modernas.

A09- Ter um repertório de leitura é ter um "vasto" conhecimento de diferentes gêneros textuais/gêneros literários. Assim, podendo se adaptar a diferentes contextos de aula e alunos

A10- É muito importante, tendo em vista que isso irá ajudar na dinâmica das aulas para melhor passar o que aprendemos para os alunos

A graduação em Letras estimulou você a ter interesse pela leitura literária? Justifique sua resposta.

A01- Sim, pois abordamos a leitura literária em algumas disciplinas do nosso curso e isso estimulou o meu interesse, porém, o enfoque do curso, ao menos na grade antiga, ainda se restringe a disciplinas que propiciam conhecimento sobre os movimentos e os gêneros literários. Nesse contexto, sinto falta de disciplinas que relacionam a leitura literária e a prática pedagógica.

A02- Sim, mas já possuía antes. O curso me motivou a querer me aprofundar cada vez mais nas leituras literárias

A03- Na maior parte, não, ao contrário, desestimulou, pois está sempre presa ao cânone com interpretações limitantes. Em poucas disciplinas houve essa quebra, mas as que houve foram as que mais me senti estimulada a ler.

A04- Sim. Apesar de já ter entrado na graduação com interesse em leitura literária, alguns professores incentivaram a turma propondo um repertório maior de leituras, proporcionando conhecer novos autores e trabalhos.

A05- Sim. A necessidade de leitura é constante no curso, e posso afirmar que minha carga de leitura, antes da graduação, era bem menor e menos intensa, comparada ao que é hoje. Além disso, durante o curso, pude me deparar com outros diversos tipos de literatura que eu sequer sabia que existiam. Isso fez eu me (re)descobrir enquanto leitora, e ter acesso a gêneros literários que, hoje, são meus favoritos.

A06- Algumas vezes, sim, seja pelo próprio conteúdo ou pelo incentivo de alguns professores. Sabemos que a carga de leitura no curso de Letras é enorme, e muitas vezes não damos conta de tudo. Porém, de uma forma ou de outra, essa influência acaba existindo, mesmo que ainda ache muito pouco.

A07- A partir do momento que as aulas traziam para dentro da sala de aula a obra, com análises, comentários, críticas, estudos, proporcionou um interesse maior pela literatura.

A08- Sim. Nas disciplinas de literatura, por necessidade ou indicação de amigos, acabei tendo um contato maior com diversas obras literárias.

A09- Sim. Não gostava muito de literatura, devido às aulas massantes na escola, mas ter contato com diferentes gêneros literários e com outros olhares, acabou criando um interesse em mim.

A10- Sim! Antes não costumava ler, depois de começar a graduação o gosto pela leitura virou um hábito ótimo

A graduação em Letras habilitou ou está habilitando você a trabalhar a leitura (incluindo a literária) na sala de aula no ensino básico? Explique.

A01- Posso dizer que a graduação me propiciou os primeiros passos sobre o trabalho com a leitura, mas com respeito à leitura literária, não me sinto totalmente habilitada para trabalhar com ela, sem dúvida, quando o faça, necessitarei revisar textos teóricos e realizar pesquisas antes de pôr em prática qualquer ideia.

A02- Sim.

A03- Sim, a partir de diversas pesquisas, aulas e trabalhos foram encadeadas diversas metodologias de aplicação da literatura na sala de aula

A04- Não, até o momento. A leitura literária tem sido trabalhada no viés de pesquisadores da literatura, fazem pouca (ou nenhuma) associação com metodologias de ensino de leitura literária na educação básica.

A05- Está, mas mais por conta de projetos e ações de extensão que eu escolho participar, do que pelas disciplinas obrigatórias propriamente ditas. Dentro de sala de aula, vemos o básico, como em uma disciplina de estágio, ou uma disciplina de Pesquisa Aplicada. No entanto, essa temática deveria ser bem mais estudada e apresentada, porque diz respeito a nossa atuação enquanto futuros profissionais, que irão influenciar diretamente a vida dos nossos alunos.

A06- Não tanto quanto eu gostaria. Poucas disciplinas cumprem, na prática, uma leitura literária. Muitas vezes fica apenas no plano de ensino. O maior contato estabelecido com a

leitura literária foi, por exemplo, durante a disciplina de Literatura Infanto-Juvenil. Outras vezes éramos obrigados a ler algo por motivos de estarmos sendo testados, e não como um aprendizado para trabalhar na sala de aula posteriormente.

A07- Em parte, acredito que ainda falta muito. Principalmente porque o espaço dedicado às análises das obras ainda é muito pequeno no curso de graduação.

A08- Sim, pois estudei teorias como a do professor Hélder Pinheiro, que auxilia e estimula, de modo lúdico, o professor a trabalhar com a literatura em sala de aula

A09- Sim! Desde o primeiro período, meus professores sempre arrumam alguma forma de como trabalhar aquele gênero literário na sala de aula de uma forma interessante para o aluno.

A10- Ainda estou me habilitando. Estou no processo para me tornar, de fato, uma leitora que pode agregar com esse conhecimento na vida dos alunos